



ESCOLA LIVRE DE TEATRO

Plano Político-Pedagógico





1. Introdução

O Projeto Político Pedagógico da Escola Livre de Teatro de Santo André foi escrito durante o ano de 2019, com a participação de toda comunidade escolar: aprendizes, coordenadores/as, mestres/as e funcionários/as.

A construção desse documento foi uma experiência de reconhecimento, organização do pensamento da escola, afirmação de nossa identidade, e possibilitou a discussão sobre nossos propósitos dentro desse projeto público de formação em teatro.

Nesse registro estão nossas diretrizes construídas e em constante revisão a partir fricção das relações da comunidade escolar entre si, seu tempo e o que nos cerca. Entender esse documento como um tratado definitivo da nossa pedagogia seria trai-lo – assim sendo, é necessário que seja revisto e atualizado a cada ano, a fim de construir com liberdade um projeto de formação artística que seja resultado, e atenda as urgências de sua relação com o mundo.

Essa versão que segue não é nosso documento na íntegra. Houve um esforço para sintetizar o projeto mantendo suas partes essenciais. Foi preparada para a apresentação pública dos Projetos das Escolas Livres de Santo André, atendendo ao Plano de Cultura da Cidade, no dia 13 de dezembro de 2019. A versão completa pode ser acessada no link: <http://culturaz.santoandre.sp.gov.br/agente/26/>

2. Apresentação

A Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT), é referência nacional e internacional na formação de artistas para o teatro, reconhecida pelo seu método inovador e pioneiro de trabalho, embasado na pedagogia da autonomia, na gestão coletiva e no processo de criação colaborativo, práxis essas que influenciaram diretamente no modo de trabalho dos grupos de teatro paulistas, conhecidos pela expressão “teatro de grupo”. Ao longo dos anos, elaborou-se uma metodologia que concebesse a arte da atuação como lugar de formação do indivíduo/a, em que a dimensão humana fosse inerente à dimensão

profissional. Esses foram e continuam sendo os alicerces pressupostos da escola desde a sua criação em 1990.

A defesa por uma pedagogia que visa a autonomia da/o aprendiz na relação ensino-aprendizagem, já aparece em seu primeiro documento constituidor, denominado Projeto Piloto, salvaguardando a importância de um centro **articulador** para que as pessoas interessadas pudessem estudar mais profundamente o ofício teatral. Destaca-se, ainda, no Projeto Piloto, um posicionamento de que o Estado deva ser entendido como um agente responsável pelo exercício dos direitos culturais, apoiando e incentivando a valorização e difusão dos conhecimentos produzidos por todos e todas dessa instituição.

Em 30 anos de existência, a ELT sempre cuidou para que seus/suas aprendizes se desenvolvessem artisticamente sem sujeitá-los/las a obrigações curriculares pré-definidas e pré-fixadas. A ELT foi pensada e assim se concretizou por (e para ser) um lugar de livre experimentação, onde a reflexão, o espírito crítico, a livre expressão, a capacidade autoral de criação e a noção de cidadania fossem pilares dessa formação artística.

3. Histórico

A Escola Livre de Teatro de Santo André - SP, mais conhecida como ELT, foi criada em 1990 na primeira gestão do prefeito Celso Daniel. Hoje, às vésperas de completar 30 anos de (re)existência, a ELT é uma referência na formação teatral do nosso país, e serve de exemplo para várias outras escolas livres que se criaram a partir da sua experiência.

Concebida pela Profa. Dra. Maria Thais Lima Santos e pelo então Secretário de Cultura da cidade de Santo André, o ator, diretor e professor Celso Frateschi, a ELT, inaugurada em 1990, no governo do prefeito Celso Daniel, funcionou até o ano de 1994, quando foi fechada por uma nova gestão eleita no município. O projeto foi retomado em 1997 na volta do prefeito Celso Daniel à administração da cidade e até hoje as atividades são desenvolvidas no prédio criado especialmente para abrigá-la, com a primeira reforma do Teatro Conchita de Moraes e com a construção dos anexos para abrigar as salas de aulas e outros espaços de criação.

O projeto original da escola, que ainda hoje orienta sua pedagogia tinha como base “conseguir mobilidade

de uma oficina cultural sem perder de vista a perspectiva formacional do aluno”, concebida para ser um laboratório, um local de experimentação teatral, tendo se transformado ao decorrer dos anos, em referência nacional. (Zarate, Simone. p. 50, Dissertação Santo André Cidade Futuro - Esta cidade é show).

O nome Escola Livre de Teatro já estava escolhido antes mesmo que o projeto estivesse estruturado no papel, segundo a qual a meta deveria ser “o embasamento, algo que permitisse passar para a comunidade os instrumentos necessários para se fazer teatro”. Neste sentido, a palavra “livre” parecia o elo essencial que uniria dois conceitos tão complexos e muitas vezes de difícil junção: o de escola (a práxis do ensino) e teatro (uma práxis da arte). A opção por uma escola de teatro atendia a uma reivindicação dos núcleos de artistas da região. Ao mesmo tempo ia ao encontro da forte tradição que a cidade possui na área desde fins da década de sessenta. Em Santo André surgiram grandes nomes do teatro nacional, entre eles atores, diretores, dramaturgos e um grupo, de solidez e renome, que marcou época na década de setenta, o GTC (Grupo de Teatro da Cidade). A idéia de uma escola ganhava concretude na medida em que isso representava o potencial para a realização de uma produção cultural independente.

Na apresentação do livro *o Alfabeto Pegou Fogo - Ensino das Artes em Santo André*, Celso Frateschi - Secretário de Educação, Cultura e Esportes, e Altair José Moreira - Diretor do Departamento de Cultura, ressaltam a urgência e necessidade em se criar espaços de pesquisa em artes cênicas que contemplem uma produção em teatro para além da lógica cultural do mercado, com modelos impostos pela indústria cultural, e que promovam a descentralização da produção de cultura.

O comprometimento social da escola, quando afirma que ‘o artista não pode perder a antena do mundo’, está registrado no documento ‘Projeto Piloto’, em que a Profa. Dra. Maria Thais Lima Santos traz uma significativa epígrafe de Eugênio Barba “(...) sejam quais forem as motivações pessoais que te trouxeram ao teatro, agora que exerces a profissão, deves encontrar um sentido que vá além da tua pessoa, que te situe socialmente frente os demais(...)”. No corpo do projeto essa ideia é reiterada na expressão “cabará a cada experiência artística encontrar o elo social”.

“A escola livre de teatro para mim é um espaço senão único, ao menos raro, no sentido de que estimula o ator criador, que reflete sobre as coisas e tem uma visão de mundo para colocar em seu trabalho” – Pierina Ballarini – aprendiz da terceira turma do núcleo de formação para atores e atrizes – ‘Os Caminhos da Criação, Escola Livre de Teatro/10 anos, 2000’.

“Participar da escola livre de teatro é estar pensando o teatro de forma ativa, dentro de um processo singular de investigação e criação teatral: é o espaço onde divido minhas inquietações, adquire informações e – o mais importante – transformo o teatro em uma experiência muito pessoal, de vida.” Marcos Lemes – aprendiz do Núcleo de técnica circense e estudos do teatro contemporâneo - ‘Os Caminhos da Criação, Escola Livre de Teatro/10 anos, 2000’

A Escola Livre de Teatro de Santo André tem como orientadoras(es)/(mestras(es) artistas atuantes nas artes cênicas no país, objetivando assim um olhar artístico-pedagógico de pesquisadores/as de teatro, ligados/as essencialmente a uma prática atual, e – nesses 30 anos - formou boa parte das/os artistas que movimentam hoje a cena cultural do Município, do Estado de São Paulo, e do país (Cia Os Inventivos, Cia do Nó, Teatro da Conspiração, As Fiandeiras, Cia do Mofo, Coletivo Negro, Coletivo o Bonde, Coletivo Kizumba, Cia 28 Patas Furiosas, Cia Estrela D’Alva, Coletivo Carcaça de Poéticas Negras, Coletivo Okan, Cia. de Teatro Rococós, Grupo Forfé de Teatro, Grupo Poleiro do Bando, Grupo Teatro Barracão, Linn da Quebrada, Lininker e os Caramelows, Craca e Dani Nega etc).

“Difícil dizer concretamente como a experiência da Escola Livre reverbera, de modo decisivo, na constituição do meu trabalho artístico. Uma escola deixa marcas profundas: navega conosco ao longo de nossas vidas. É como uma cicatriz, que sempre está ali, para nos lembrar o episódio do acidente. O trajeto por uma escola, depois de concluído, passa a compor nosso DNA. (...) Se sou hoje um artista que busca olhar o mundo de forma sensível, que faz de cada encontro uma celebração, é porque navega dentro de mim uma escola cujo nome é a Escola Livre de Teatro de Santo André.” Antônio Correia Neto formado na primeira turma do primeiro período da Escola Livre de Teatro - Relato do livro *Reminiscências dos 20 anos da Escola Livre de Teatro de Santo André por seus fazedores – 2010*.

4. O Teatro Conchita de Moraes e a escola

Teatro Conchita de Moraes: (Maria de la Concepción Alvarez Bernard (1885 – 1962), atriz cubana radicada no Brasil, conhecida como Conchita de Moraes - mãe de Dulcina de Moraes (1908 - 1996), grande dama do teatro brasileiro).

Criado pelo Governo do Estado em 1959, o Teatro Conchita de Moraes foi inicialmente erguido para ser o auditório da Escola Estadual Professora Carlina Caçapava de Mello, existente no mesmo quarteirão da ELT. Em 1963, em convênio com a prefeitura, o teatro acolhe o festival de teatro amador de Santo André. Em 1970, começa a ser administrado pelo município que passa a utilizá-lo como um dos espaços teatrais da cidade. Nos anos 80, o Conchita de Moraes abrigou festivais e mostras de teatro da cidade e região, além de espetáculos independentes.

Mas é a partir de 1990 que passa a ser utilizado, de forma provisória, pelas turmas da Escola Livre de Teatro (ELT), criada pela gestão da época. Em meados dos anos 90, é realizada uma reforma que o reconfigura na arquitetura atual, passando a abrigar a Escola Livre de Teatro de forma definitiva, e a programação de teatro vinculada a grupos de pesquisa independente em artes cênicas.

A indissociável relação entre o espaço da Escola Livre e o Teatro Conchita de Moraes é a garantia de poder reverberar na programação pública de arte da cidade seus próprios frutos e estudos, e sobretudo criar um espaço de apresentação que aprofunde o debate artístico sobre o fazer teatral de grupos independentes, com espetáculos convidados dentro desse espectro de pesquisa. Dessa forma, a cidade tem uma alternativa cultural que difere de outros espaços com programações voltadas para uma produção teatral mais comercial, legitimando assim a existência da escola na própria cidade, projetando seu futuro em rede, num ‘triângulo’ interdependente: projeto de formação, projeto de difusão e projeto de formação de público.

5. Objetivos da ELT

- Compartilhar pesquisa nas áreas das artes cênicas
- Partilhar um espaço de reflexão e prática artística-teatral aliada à possibilidade de emancipação das relações sociais e de cidadania



- Criar e projetar espaços de interlocução entre a cidade e os/as artistas
- Vivenciar experiências em arte e cultura de forma crítica e coletiva
- Criar um espaço de debate entre artistas atuantes e artistas em formação

6. Princípios da ELT

Não será permitido nas dependências físicas da escola qualquer tipo de discriminação, violência, assédio ou opressão, seja em virtude de padrões estéticos, raça/etnia, cor, idade, gênero, orientação sexual, estado civil, e de posição política, ideológica, filosófica e/ou religiosa, ou por qualquer outro motivo, sob pena de advertência, suspensão ou desligamento, e encaminhamento jurídico sob as penalidades que lhe forem aplicáveis. Posturas autoritárias e discursos que preguem a violência e o ódio não serão admitidas.

Em casos extremos de denúncia, quando for solicitado o afastamento de um integrante da comunidade escolar, será convocada a formação de uma comissão deliberativa, responsável pelo encaminhamento do

caso. Tal comissão deve ser representativa, formada por aprendizes, coordenadores/as, professores/as e funcionários/as), devendo também ser diversificada no que diz respeito à proporcionalidade de etnia/raça e identidades de gênero.

A escola envidará os maiores esforços para:

- 1) Promover a diversidade humana e cultural
- 2) Combater a discriminação de qualquer natureza
- 3) Combater a LGBTIfobia
- 4) Combater abusos físicos, morais, psicológicos, sexuais e qualquer tipo de assédio, violência ou opressão
- 5) Combater a desigualdade social
- 6) Estimular a equidade de gênero e étnico-racial

7. Termos utilizados na ELT

7.1 Livre

A construção da liberdade requer responsabilidade, rigor e dedicação constantes. Michel Foucault, em seus escritos sobre o tema, insiste que a liberdade nunca será uma libertação completa ou uma emancipação

absoluta, simplesmente porque novos poderes, e novas relações de mando se criam. A liberdade está no exercício ininterrupto da resistência, da revolta e da recusa. A liberdade não é um estado, mas uma ética. A proposta artístico-pedagógica da escola é livre porque:

- não comunga com os modos de produção imediatistas do mercado e da reprodução de modelos muitas vezes impostos pela indústria cultural.
- porque acredita numa prática horizontal, na assimetria de funções, nas relações entre educador/a e educando/a - pois o processo de aprendizagem é mútuo • ao invés de reproduzir o modo de relações hierarquizadas e autoritárias, presentes nas salas de aula do nosso ensino tradicional.
- não se vincula às exigências regulatórias do Ministério da Educação para os cursos técnicos e de graduação em teatro.
- busca constantemente a construção de um ambiente educacional pautado na relação de escuta e proposição de todos os envolvidos na comunidade escolar.

“Eu nunca quisera abandonar a convicção de que é possível dar aula sem reforçar sistemas de dominação existentes”. *Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade*, Bell Hooks.

7.2 Autonomia

O termo autonomia está na origem do pensamento sobre pedagogia da escola. Ele fundamenta a construção do projeto piloto artístico-pedagógico da ELT.

O educador Paulo Freire, e a educadora Bell Hooks em seus escritos e estudos sobre processos de aprendizagem, desenvolvem grande reflexão sobre a importância de um processo pedagógico ancorado na relação autônoma com o conhecimento, e são referência para nossas pesquisas dentro da escola. Segue dois trechos da obra desses autores que ilustram bem o sentido do termo nas nossas práticas:

“Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral de ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho não é um espetáculo. Por outro lado, esse tra-

balho deve ser um catalisador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais, a se tornar partes vivas no aprendizado.” *Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade*, Bell Hooks.

“Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, assuma a autoria também do conhecimento do objeto. O professor autoritário, que se recusa a escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: o da formação do educando como sujeito do conhecimento. É por isso que o ensino dos conteúdos, criticamente realizado, envolve abertura total do professor ou da professora, a tentativa legítima do educando para tomar em suas mãos a responsabilidade de sujeito que conhece. Mais ainda, envolve a iniciativa do professor que deve estimular aquela tentativa no educando, ajudando-o para que a efetive.” *Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire.

7.3 Processo colaborativo:

As experiências cênicas da ELT são construídas a partir de um **modo de produção coletivo**, onde a turma envolvida participa e é responsável por todas as instâncias da criação, respeitando as diferentes funções de cada integrante no trabalho. Dessa forma, ninguém se aliena de nenhuma etapa do processo artístico, conferindo à laboração de criação uma identidade pertencente a todas as vozes empenhadas na pesquisa. Trata-se da construção de uma obra, onde cada um/a deve assumir a responsabilidade de ser sujeito/a do processo artístico, e não objeto, numa intensa colaboração, participação, provocação e debate dentro da coletividade.

7.4 Horizontalidade e permeabilidade:

É fundamental ter a consciência da assimetria de funções dentro do processo da sala de aula entre mestres e aprendizes, é prioridade para o desenvolvimento do trabalho. Todavia, isso não se traduz em uma relação de hierarquia onde a/o mestre tenha uma soberania de ações e as/os aprendizes apenas se submetam à elas. E vice e versa. A horizontalidade nas relações em sala de aula exige a todo o momento, de todas as partes envolvidas no processo artístico pedagógico, buscar o equilíbrio entre autoridade e liberdade. Sobre isso diz Paulo Freire – no livro *Pedagogia da Autonomia- Saberes necessários à prática educativa*:

“O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. (...) Assim como inexistente disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, a rigor, a autoridade ou liberdade. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais. Entre nós, em função mesma do nosso passado autoritário, contestado, nem sempre com segurança por uma modernidade ambígua, oscilamos entre formas autoritárias e formas licenciosas. Entre uma certa tirania da liberdade e o exacerbamento da autoridade ou ainda a combinação das duas hipóteses. O bom seria que experimentássemos o confronto realmente tenso em que a autoridade de um lado e a liberdade de outro, medindo-se, se avaliassem e fossem aprendendo a ser ou a estar sendo elas mesmas, na produção de situações dialógicas. Para isto, o indispensável é que ambas, autoridade e liberdade, vão se tornando cada vez mais convertidas ao ideal do respeito comum somente como podem autenticar-se”.

7.5 Mestres/as e aprendizes, orientadores/as e orientandos/as, educadores/as e educandos/as, professores/as e alunos/as

O debate na escola acerca da nomenclatura sobre os papéis desempenhados nas salas de aula é constante. Essas discussões tem buscado tanto desmitificar as funções, fugir das relações de poder hierarquizantes que possam estar por trás das palavras, e responsabilizar cada parte envolvida no processo educacional.

O caminho tanto do mestre/a como do/a aprendiz é desafiador e demanda grande disposição e doação.

Desempenhar verdadeiramente o papel de aprendiz em nada se aproxima com submissão aos conhecimentos. Assim como desempenhar verdadeiramente

o papel de mestre/a, em nada se aproxima com a transferência de saberes.

Mestre/a e aprendiz são palavras que não devem construir uma distância na relação de aprendizado, ou uma hierarquia de poder. Muito ao contrário, visam nos lembrar, sempre, o quão **humano**, portanto falível e a todo momento em construção reparadora, deve ser esse caminho. Apenas nos mostram o quão pequenos e distantes estamos de uma postura íntegra de aprendizes e de mestres/as genuinamente.

Não quer dizer que todos os alunos são aprendizes, nem que todos os professores são mestres. Mas ao colocar essas palavras no vocabulário da comunidade escolar, traçamos um horizonte e uma busca para ambas as funções, e a todo momento olhamos nosso trabalho através delas.

Estudar essas palavras no exercício da discência e da docência é buscar e experimentar na prática a beleza do **processo humano de formação**², onde o mestre/a ‘ensinando aprende’, e o aprendiz, ‘aprendendo ensina’.

“O entusiasmo pelas idéias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. (...) E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. (...) A visão constante da sala de aula como um espaço comunitário aumenta a probabilidade de haver um esforço coletivo para criar e manter uma comunidade de aprendizado.” *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade*, de Bell Hooks.

“Longe de querer despertar prematuramente o artista que existe em cada aprendiz, o papel do mestre também está em provocar que ele domine profundamente seu ofício. Proporcionando assim que o aprendiz possa descobrir de forma processual com o passar dos anos que o domínio profundo de sua arte, longe de oprimir, liberta.” (a partir de *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen* de Eugen Herrigel).

2. A palavra formação é usada aqui num sentido amplo. Abarca uma formação totalizante do ofício em teatro, que se refere a oferta de experiências de cunho estético, cênico e social, numa perspectiva coletiva e horizontal. Formação como quem constrói algo, forma em si e nos outros novas possibilidades de relação consigo, com o outro, com o espaço social e a criação artística.



8. Conceito de comum: gestão e ocupação do espaço público

O conceito de livre que orienta o sentido da escola permite um diálogo com outro conceito que também vem sendo discutido e elaborado, a saber, o de COMUM. Entendemos por COMUM um projeto artístico-político-pedagógico constituinte de um modo coletivo de organização do espaço, que acontece a partir da diferença, e não da desigualdade. Um modelo de gestão e cooperação em prol do uso coletivo do espaço escolar. Um processo político que convoca a comunidade escolar a imaginar e agir para além das formas estratifi-

cadas de organização disponibilizadas pelo mercado e o Estado moderno. Uma vida em coletivo - sendo esse coletivo formado por aprendizes, mestres/as e funcionários/as, e suas criações.

A ideia central é a de fazer junto, de produzir coisas que sejam destinados a todos. Um agir em comum, ou seja, um ato de se engajar junto na tarefa de incentivar novas obras, novas relações, novas práticas, assim como, produzir novas regras internas que regulem as ações. É o exercício por criar (instituir) um espaço onde o direito de uso prevaleça sobre o de propriedade, onde a solidariedade prevaleça sobre o utilitarismo e concorrência.

É a defesa de um espaço autônomo do ponto de vista da sua organização e convivência. Um espaço que delibera em comum para determinar o que convém à comunidade escolar e o que é justo fazer. Um espaço de indagação acerca do viver juntos - entendido não simplesmente como uma somatória de indivíduos convivendo no mesmo espaço, mas como uma co-atividade que põe em comum pensamentos e discursos, que produz, por deliberação, costumes semelhantes e regras de vida que se aplicam a todos que buscam um mesmo fim. Um espaço que torna possível a afirmação de cada um, mas uma afirmação que só tem validade, justamente, entre todos e de certa forma para todos.

9. Proposta pedagógica curricular

A proposta curricular da escola observa a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e, história e cultura indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Embora a ELT seja livre das exigências regulatórias do Ministério da Educação, a proposta curricular da escola observará a Lei 11.645/08, valorizando o protagonismo das matrizes africanas e indígenas na formação da nossa diversidade cultural brasileira.

Da mesma forma, levando-se em conta a hegemonia quase total de práticas e saberes produzidos por homens cisgêneros brancos nos ambientes de formação artística, e, mesmo que não haja uma lei regulamentando nem a obrigatoriedade do ensino da cultura LGBTI+ nas escolas, nem a proporcionalidade de gênero na composição das instituições, a ELT na sua proposta pedagógica curricular se compromete a diversificar o repertório de referências estéticas e bibliográficas utilizado na formação e nos núcleos. Destaque-se a vulnerabilidade social específica de pessoas transvestigêneros, o que torna urgente a inclusão das produções artísticas e teóricas desse segmento social nos processos pedagógicos.

A proposta curricular da ELT tem um formato de projeto artístico continuado e ao mesmo tempo flexível, que permite alterações solicitadas pela própria prática durante o processo de criação, em escuta com toda a comunidade escolar e em consonância com o seu tempo.

Quaisquer alterações devem acontecer sempre a partir da aprovação de planejamento pedagógico feito

pela equipe docente responsável, em constante escuta com a comunidade escolar, assim como junto à equipe de coordenação pedagógica, caracterizando a pedagogia livre adotada pela escola e em comum acordo com a secretaria de cultura.

O currículo da escola se divide em:

- 1 Núcleo de formação de atrizes e atores

Com duração de 4 anos letivos.

- 10 Núcleos de pesquisa continuada

Com duração de 01 ano letivo.

9.1 Núcleo de Formação de Atrizes e Atores

O Núcleo de Formação da Escola Livre de Teatro pretende formar artistas que, além de estarem aptos a trabalhar nos diversos campos abertos aos profissionais de artes cênicas, sejam também conscientes de seu papel na sociedade, enquanto pensadores capazes de dialogar, por meio da criação artística, com as diversas questões individuais e coletivas vivenciadas pelo ser humano.

O Núcleo tem a proposta de oferecer uma instrumentalização, prática e teórica, nas diversas linguagens teatrais existentes – sendo essa apenas uma das prerrogativas do curso, o aprendiz deverá se formar apto a pensar o teatro e a arte a partir de suas próprias concepções de pesquisa, a fim de, após o curso, escolher dentre os diversos caminhos apresentados no decorrer de seu aprendizado.

Os dois primeiros anos são dedicados à formação básica em teatro e incluem disciplinas teóricas e práticas. É oferecida não só uma ampla experiência (sobre história, teoria e atuação teatral), mas principalmente práticas que forneçam um repertório de conhecimento a fim de propiciar uma reflexão sobre as diversas possibilidades de pesquisa em artes e políticas públicas para a cultura.

Os dois últimos anos do curso ampliam a formação básica no sentido de proporcionar aos aprendizes a elaboração de experiências cênicas em diferentes linguagens. Nesse período são desenvolvidos no mínimo dois projetos artísticos, cada qual com um foco de aprendizado diferente, que envolvem não só a criação do aprendiz enquanto artista-pesquisador em formação, mas também todo o trabalho de preparação e produção de uma obra artística.

O Núcleo de Formação de atores e atrizes possui a duração de 4 anos, com aulas que acontecem de segunda a sexta-feira das 18h30 às 22h30, e em 2019 ofereceu as seguintes matérias:

Primeiro ano

Improvisação, jogo e dramaturgia da atriz e do ator.

Autonomia dos Corpos da Atuação para Composição Cênica.

Introdução ao pensamento crítico - Política, ética e estética.

Literaturas e Gêneros Dramáticos.

Segundo ano

Atuação a partir das oralidades dramáticas no Brasil.

Percepção e consciência corporal.

Fundamentos do corpo-voz e da palavra.

História do Teatro no Brasil: Hiatos e insurgências poéticas.

Terceiro ano

Orientação para uma atuação e montagem épica-dialética.

Orientação musical para processo de pesquisa e criação.

Treinamento da atriz e do ator para o processo de pesquisa e criação.

Estudo crítico das políticas públicas em cultura - disputas, conflitos e vetos.

Quarto ano

Orientação de processo - pesquisa, criação e direção.

Pesquisa Circense - Arena dos corpos.

Estudo crítico das políticas públicas em cultura - disputas, conflitos e vetos.

9.2 Núcleos de Pesquisa Continuada

Os Núcleos de Pesquisa Continuada objetivam a verticalização dos estudos em linguagens específicas do teatro. São núcleos escolhidos ano a ano, conforme às urgências e necessidades da comunidade escolar, do desenvolvimento das pesquisas no campo do teatro no Brasil e no mundo, e do olhar para o compartilhamento em arte com os artistas de Santo André.

Os estudos e experiências artísticas dos Núcleos de Pesquisa, e do Núcleo de Formação para atores e atrizes, devem se interseccionar visando um pensamento em rede sobre teatro dentro da escola. Os materiais

artísticos produzidos por cada Núcleo De Pesquisa Continuada devem ser compartilhados nas mostras gerais da escola, mas também através de encontros entre as turmas e ações públicas de fomento às pesquisas que estão sendo encaminhadas.

Os Núcleos de Pesquisa Continuada, possuem a duração de 1 ano, com aulas que acontecem durante a semana das 14h às 18h ou das 18h30 às 22h30, e em 2019 ofereceu as seguintes áreas de pesquisa:

01. Núcleo de Iniciação Teatral

02. Núcleo Laboratório Experimental de Teatro

03. Núcleo de Direção Teatral – Orientação de Processos Criativos

04. Núcleo de Dramaturgia

05. Núcleo de Sonoridades

06. Núcleo de Pesquisa Circense – Arena dos Corpos

07. Núcleo Mulheres em Movimento – Teatro e Sociedade

08. Núcleo de Musicalização a partir das Culturas Originárias do Brasil

09. Núcleo de Texto e Cena (Gêneros Textuais e Identidades de Gêneros)

10. Núcleo Estudo Crítico das Políticas Públicas em Cultura – Disputas, Conflitos e Vetos

10. Avaliação

A avaliação é realizada através de um diálogo constante entre o corpo docente e aprendizes, onde o que se busca é tornar consciente a postura da/o aprendiz diante dos materiais pesquisados, levando em conta seu envolvimento, pesquisa, presença e colaboração no processo coletivo da turma.

A avaliação dos processos pedagógicos da escola não são feitas a partir de notas ou conceitos. No entanto, ao final de cada semestre, cada aprendiz juntamente com os/as professores/as, tem a possibilidade de refletir sobre seu processo artístico pedagógico e as relações de ensino e aprendizagem construídas ao longo dos meses.

‘Os sistemas de avaliação pedagógica de alunos e professores vem se assumindo cada vez mais como discursos verticais, de cima para baixo, mas insistindo em passar por democráticos. A questão que se coloca a nós enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra avaliação,



de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação como instrumento de apreciação do que-fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação.' (Paulo Freire - *Pedagogia da Autonomia-Saberes necessários à prática educativa*)

11. Conselho de faltas

O conselho de faltas é uma forma encontrada pela escola para zelar pela possibilidade de presença máxima do/a aprendiz na sala de aula, é uma ação que visa a permanência nos estudos, ameaçada por questões financeiras, emocionais, de saúde, moradia entre outros, e acontece a cada final de semestre letivo.

Criado em 2018 conjuntamente entre a equipe docente e discente da escola, em documento assinado por todas/os, ficou estabelecido que aprendizes que ultrapassarem 4 faltas por semestre serão recebidos pelo conselho, composto por representantes da coordenação e mestres/as do ano letivo do(a) aprendiz, a

presença do(a) próprio(a) aprendiz e de um(a) representante do corpo discente de sua turma designado(a) pelo(a) mesmo(a). Dessa forma a escola tem a possibilidade de mapear as causas de ausência, bem como tomar medidas para tornar a acessibilidade à ELT cada vez mais pública, sem critérios elitistas, identificando com mais precisão quais os problemas frequentes que impedem a permanência na sala de aula.

Assim sendo, o Conselho de Faltas **não** possui uma lógica punitiva, mas sim de apoio e amparo aos educandos, visando seu melhor aproveitamento no processo de aprendizado, seja enquanto indivíduo/a, seja enquanto grupo.

A partir do conselho de faltas ações são criadas para minimizar as ausências decorrentes de dificuldade financeira, problemas de saúde psicológicos, problemas de saúde gerais, problemas com negligência em relação ao comprometimento com o trabalho em sala etc. É um espaço de diálogo e avaliação.

O conselho é deliberativo e conjuntamente toma a decisão de qual a melhor forma de garantir, o mais íntegro possível, o percurso pedagógico da/o aprendiz:

se continua o processo juntamente com sua turma, se refaz o ano letivo, ou em casos extremos de indolência e negligência, se é convidada/o a se desligar da escola.

12. Certificados de conclusão de curso/histórico escolar

Por ser uma Escola Livre dos parâmetros regulatórios do Ministério da Educação, a escola não fornece diploma ou Registro Profissional. Ao concluir o núcleo escolhido, o aprendiz receberá um histórico reconhecido e assinado pela Secretaria Municipal de Cultura e Coordenação Pedagógica de suas horas- atividades na escola, da carga horária cumprida, assinalado que o núcleo foi concluído. Caso o aprendiz não tenha concluído o núcleo escolhido, receberá um histórico reconhecido e assinado pela Secretaria Municipal de Cultura e Coordenação Pedagógica, apenas com as horas- atividades da carga horária cumprida realizada na escola, onde será assinalado que não concluiu o curso na sua integridade.

13. Fóruns ELT

Os Fóruns da ELT são espaços de discussão e debate que procuram integrar a comunidade escolar e suas questões, para além da convivência e processos das salas de aula. São espaços que visam discutir sobre o funcionamento geral da escola, seus fundamentos pedagógicos, políticos e sociais, bem como sua dimensão pública dentro da cidade.

Em diversas ocasiões foram convidados para participar do debate outros programas de formação da secretaria de cultura (EMIA, Escola Livre de Cinema, Escola Livre de Dança), bem como representantes da própria secretaria de cultura para debater esses projetos e suas interseções, suas interferências na cidade, fragilidades e necessidades de avanço. Esse compartilhamento se mostrou bastante importante para entender a escola inserida numa tentativa de projeto de política pública em formação, e há o interesse, e necessidade em se manter alguns fóruns nesse formato.

Sobre os Fóruns segue texto reproduzido na íntegra do corpo discente:

Fórum geral – Faz parte do calendário oficial da escola e tem a participação de toda comunidade escolar (corpo discente, corpo docente e funcionários/as). Seu formato e pautas são discutidos previamente por uma

comissão com todas as partes representadas. Acontece 2 vezes em cada semestre.

Fórum dos/as aprendizes – Criado em 2018 para discutir demandas e questões internas do corpo discente, criando um espaço socializante e de pensamento entre as turmas, para além dos seus processos em sala. Acontece 2 vezes em cada semestre.

Fórum preto - Organizado pelos coletivos negres, junto a coordenação e os outros aprendizes duas vezes ao ano para pensar a questão racial na escola e no teatro. Faz parte do calendário oficial da escola. O Fórum Preto foi idealizado pela Artícula Preta (movimento de aprendizes pretas e pretos da Escola Livre de Teatro, inicialmente composto por Adriana Miranda, Isamara Castilho, Jeniffer Rossetti, Jhonny Salaberg, Patrick Carvalho, Priscila Guedes, Renan Okê e Thaís Oliverisi). Criado na intenção de levantar questionamentos raciais, o Fórum Preto sintetiza debates importantes sobre raça, classe e gênero dentro de uma escola de teatro, abrangendo o diálogo entre comunidade escolar, artística e social. Onde estão as pessoas negras nos espaços voltados à arte? Quais são os espaços com real interesse na recepção de conteúdos de produção preta? Quais são as personagens disponíveis para um elenco negro? Quantas são as referências negras estudadas como BASE de conhecimento? Onde está a inclusão de professoras(es) negras(os) no corpo docente da ELT? Esses são alguns dos apontamentos que serviram como disparadores para a união de uma articulação preta. Criado em 2017, o Fórum Preto acontece duas vezes ao ano desde então. À princípio o mesmo tinha um formato de fórum, com discussões sobre as temáticas apontadas. Com o tempo foi se modificando, as demais edições contaram com performances, oficinas, debates públicos, intervenções poéticas e outras ocupações artísticas, todas realizadas por pessoas negras. É importante reiterar que o Fórum Preto é criado e realizado por pessoas pretas, mas que a presença de pessoas brancas é de extrema importância, desde que entendam e respeitem seu lugar de fala. Afinal, a grande contribuição de uma iniciativa como essa, é de justamente criar um espaço aonde essas relações (de corpos negros e corpos brancos), possam existir e coexistir na tentativa de não reproduzir tanto as marcas da opressão. E isso é também um processo gradual de aprendizagem e deve ser visto como tal, pois 'dentro de uma instituição de ensino, é fundamental que o movimento negro tenha voz, tendo em vista que é ele que

educa e abarca questões que a outras frentes não são possíveis, devido ao racismo institucional, ainda muito enraizado' - (Gomes, Nilma Lino - Movimento Negro Educador). O movimento foi responsável por deliberar a contratação de mais mestres pretas e pretos, com pesquisa sobre o teatro negro no currículo pedagógico da escola. E também pela realização do primeiro edital público com ações afirmativas para aprendizes negras e negros nas formações.

(OBS: A falta de um coletivo negro, não isenta a escola (mestres e aprendizes) de organizar este espaço, uma vez ele é estruturante da pedagogia e da escola).

Fórum trans - Organizado pelos coletivos TRANS e LGBT junto a coordenação e os outros aprendizes para pensar a questão de gênero na escola e no teatro e outros assuntos pertinentes.

(OBS: A falta de um coletivo Trans, LGB, não isenta a escola (mestres e aprendizes) de organizar este espaço, uma vez ele é estruturante da pedagogia e da escola).

Fórum das mulheres - Organizado pelos coletivos de mulheres junto a coordenação e os outros aprendizes para pensar a questão de gênero na escola e no teatro e outros assuntos pertinentes.

(OBS: A falta de um coletivo de mulheres, não isenta a escola mestres e aprendizes) de organizar este espaço, uma vez ele é estruturante da pedagogia e da escola).

“No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um ‘Sine Qua’ da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que ter a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.” (*Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa* - Paulo Freire).

14. Sobre o corpo docente

‘Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou essa aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e mobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar.’ (Paulo Freire - *Pedagogia da Autonomia-Saberes necessários à prática educativa*).

Nestes 30 anos de ELT, o corpo docente desde sempre foi formado por artistas-pesquisadores de reconhecida capacidade artística e pedagógica, sempre advindos de modos de produção coletivo, construindo junto aos aprendizes um processo de troca e criação, onde todos são sujeitos e objetos da própria pesquisa, embaralhando, dessa forma, as disposições na relação de “quem ensina/quem aprende”.

O corpo docente é formado por artistas-pedagogos(as) com comprovada formação acadêmica em suas áreas ou com formação livre (sem a necessidade de titulação), porém, com notório saber na área. Em ambos os casos se faz obrigatório que os integrantes do corpo docente sejam artistas ou profissionais atuantes na atual cena teatral brasileira, e que possuam



vínculos concretos com grupos, coletivos, companhias ou produções artísticas, e que constantemente atualizem suas práticas artísticas e pedagógicas. Também se faz necessário que o corpo docente contemple em seu espectro a diversidade étnica, racial, de gênero e cultural.

Em síntese, o perfil dos profissionais a serem contratados (coordenação e corpo docente) deve ser constituído levando em conta a prática artística e pedagógica atual do profissional, a diversidade de raça/etnia, gênero e cultural, a capilaridade de trabalho no estado e no território nacional/internacional, e a formação em linguagens teatrais específicas, tais como: atuação, circo, máscara, direção, dança, teoria e experiência com formas de organização e criação coletiva e colaborativa.

15. Sobre o corpo discente

Texto das/os aprendizes da escola reproduzido na íntegra:

Uma **escola-mãe** de artistas e coletivos teatrais que nascem aqui e se espalham pela cidade. Nas frestas, nas esquinas, nos centros, nos buracos, nas quebradas. Pessoas que se juntam e vão agir pela cidade. Criando outras narrativas, colocando corpos outros em ação, movendo outras perguntas. Vão e voltam. Artistas e coletivos que passaram aqui como aprendizes e voltam como artistas-mestres. Trocando com os que estão pela escola agora. Criando pontes entre espaços de formações, experiências artísticas, linguagens cênicas e olhares poéticos sobre o mundo.

Uma escola que transborda os perímetros de Santo André. Em um fluxo e contrafluxo, aqui estão pessoas de todos os cantos do Estado. Dentro, fora, centro, trás, fundos: Acre, Colômbia, Recife, Mato Grosso, Argentina, Minas Gerais, Paraíba. Tantos outros buracos. Aqui é a estação de chegada, terra pra chegar e se fazer. É uma **escola-catapulta** que traz e depois lança as pessoas pro mundo, pra multiplicar. Uma escola que fica pelo corpo de quem passa. Criando um olhar singular sobre seus fazeres.

A **Escola Livre de Teatro** abre espaço para outros corpos e suas criações, seus pensamentos, seus olhares. As formas e as fôrmas. A escola não cria uma forma para quem chega. Cada um chega com sua fôrma e vai ganhando outros contornos a partir do encontro com o outro - aprendizes, técnicos, mestres, funcionários. Sempre em transformação. Sempre em trânsito. Se reorganizando a partir de quem está pulsando aqui. A

escola é espaço para aflorar outras maneiras de estar no mundo, um espaço que recebe potências e permite que elas afluam, que elas se expandam e se recriem.

Os discentes da ELT devem sempre estar mobilizados e articulados, visando garantir, junto com educadores, coordenadores e gestão municipal o constante aprimoramento dos processos de trabalho da instituição, de modo a não perder suas perspectivas: histórica, teórica e metodológica, bem como seus princípios.

As reivindicações devem pautar a busca por:

- horizontalidade nas relações dentro da ELT
- estratégias de contribuição para redução das desigualdades sociais
- propor políticas para que barreiras socioeconômicas não impeçam o acesso dos educandos à escola
- manutenção dos princípios da ELT
- combater todo e qualquer tipo de discriminação, violência, assédio e opressão
- manutenção e desenvolvimento das Ações Afirmativas

16. Sobre as ações afirmativas

“O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito. Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender, e aprender novas maneiras de conhecer que vão contra corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.” *Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade* – Bell Hooks.

Texto do corpo discente reproduzido na íntegra:

As ações afirmativas na Escola Livre de Teatro são fruto de muita luta dos/as alunos/as, efetivando-se no ano letivo de 2019. Através de sua consolidação é verificável a necessidade de caminhar em conformidade com outras ações, visto que sua eficácia se dá através de políticas de permanência. Acreditamos que essas

políticas devam existir futuramente para assegurar a continuidade e bem estar desses estudantes cotistas e não cotistas dentro da escola. Atualmente, a Escola Livre de Teatro está disponibilizando 50% de vagas para ações afirmativas, e estas vagas serão distribuídas conforme abaixo:

Caso o (a) candidato (a) se inclua na **ação afirmativa** “PPI (Preto, Pardo ou Indígena)” deverá autodeclarar-se no campo apropriado da ficha de inscrição. No mínimo 80% (oitenta por cento) do total das vagas disponíveis para **ação afirmativa** serão destinadas a estes (as) candidatos (as). Caso o (a) candidato (a) se inclua na **ação afirmativa** “Pessoa **trans**” deverá autodeclarar-se no campo apropriado da ficha de inscrição. No mínimo 20% (vinte por cento) do total das vagas disponíveis para **ação afirmativa** serão destinadas a estes (as) candidatos (as). No caso das vagas reservadas para **ação afirmativa** “Pessoa **trans**” não serem preenchidas, essas vagas serão direcionadas a candidatos (as) que se autodeclararam na **ação afirmativa** “PPI (Preto, Pardo ou Indígena)”. Se as vagas reservadas para a categoria **ação afirmativa** “PPI (Preto, Pardo ou Indígena)” não forem preenchidas, serão disponibilizadas para outros (as) candidatos (as).

Uma das políticas de permanência que acreditamos ser necessária é o direito ao transporte público gratuito para os aprendizes, visto que muitos tem dificuldade para acessar as dependências da escola. Mesmo sabendo que a escola não faz parte da Secretaria de Educação da cidade Santo André, temos em vista que isso é definitivo para a permanência dos/as aprendizes cotistas e não cotistas na escola. Além de disso, outras políticas se fazem necessárias como o atendimento Psicossocial, Acessibilidade de estudantes portadores de necessidades especiais, auxílio alimentação, entre outros.

Entendemos que para o processo de seleção faz-se necessário que o estabelecimento de critérios passe também por um estudo, um embasamento teórico, sobre as questões que afligem as diversas camadas sociais

A falta da representatividade de minorias sociais que se fez no passado e que decorre na contemporaneidade, provocou o surgimento e manutenção de movimentos sociais e políticos por ações afirmativas em diversas esferas da educação. No teatro, podemos citar o dramaturgo e poeta brasileiro Abdias Nascimento que reivindica o protagonismo negro no teatro e funda

em 1944 o Teatro Experimental do Negro (TEN), que tinha como objetivo denunciar as formas de racismo sutis e ostensivas, bem como fazer com que o negro tomasse consciência da situação objetiva que se achava inserido. Abdias relata que o primeiro personagem de destaque encenado por um ator negro foi aos teatros brasileiros apenas em 1945. Abdias discute ainda que eram comuns as obras dramáticas onde o negro fazia o cômico, o pitoresco ou mera figuração decorativa. Hoje ainda se vê no Brasil obras que reproduzem o blackface, movimento que teve início nos shows de menestréis norte-americanos no século XIX, onde o negro é representado através de um branco com rosto brochado de negro em papéis burlescos e alegóricos.

Como aprendizes da escola, entendemos a importância da (trans)figuração de vida que o teatro possibilita para aprendizes e para comunidade. Ele não apenas nos prepara para a criação de uma cena mas sim nos aflora a sensibilidade, presentifica o corpo, e nos permite uma reflexão de quem somos. Não podemos estar restritas a sermos meras vias de uma ideia ou texto, entendemos que somos agentes da nossa própria realidade que está em constante e lânguida metamorfose.

O determinismo social que se apresenta hoje, levanta questionamentos que são importantes para a percepção da representação de minorias ou grupos sociais que são marginalizados. Entendemos que as ações afirmativas propostas pela Escola Livre de Teatro buscam, por meio de vários segmentos, transformar a realidade que estamos inseridas e despertar uma possibilidade que amplie nossa representatividade na sociedade.

No Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento, havia em seu início a necessidade de alfabetização dos seus participantes recrutados entre operários, empregados domésticos e favelados sem profissão definida. Essa característica assemelha-se ao papel político e social do teatro de Brecht. Além disso, Abdias afirma que para a construção do TEN foi necessário, sobretudo, manter-se o distanciamento referindo-se a Brecht já que as tradições e desafios do fazer teatral se impunham de forma paternalista e dogmática. Era necessário, nesse teatro “tocar tudo como se fosse a primeira vez”. Portanto, era visado com o TEN a possibilidade de transformação coletiva tanto para quem assiste como para quem participa do processo artístico teatral.



Na perspectiva contemporânea, grupos marginalizados clamam não apenas sua representação mas, sobretudo, por sua representatividade. Vê-se primordial discutir a crise da representatividade que se faz presente no teatro, televisão ou cinema atuais. Para que grupos marginalizados, através da arte, não busquem uma ilusão da realidade, mas uma realidade possível e ampliada.

17. Ações afirmativas na pedagogia

As ações afirmativas são atos ou medidas que têm como objetivos eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantir a igualdade de oportunidades e tratamento, compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização. Nesse sentido, requer um entendimento por parte da comunidade escolar que ultrapasse a ideia de mera ocupação do espaço por corpos assistidos por essas ações. O entendimento por parte de um processo artístico-político-pedagógico que partilha da ideia de uma pedagogia emancipatória, dever ser, e é, na escola, uma busca por redimensionar a prática que possibilite integrar outros conhecimentos e outros procedimentos de criação e de compartilhamento de conhecimento, ou seja, outros referências simbólicos.

Nesse caso, diante desse ponto de vista, onde a relação entre mestre e aprendiz ocorre sobre uma linha de horizontalidade, as ações afirmativas afetam o trabalho a ser desenvolvido pelos diferentes núcleos de formações. Pois, tornam-se espaços de uma investigação-ação e de uma pedagogia-ação com intuito de desenhar linhas metodológicas que operem a partir da afirmação de referências e modos de fazer outros que não os que historicamente foram ofertados e serviram de mecanismos de exclusão.

Se os corpos são dissidentes, são porque estão em relação ao que é “norma” numa produção artística (de narrativas, comportamentos e modelos de representações) e numa produção pedagógica de conhecimento e ensino que opera pela reprodução da desigualdade, onde os autores e saberes que se debruçam sobre outros modos de fazer, de ver, de falar são sistematicamente silenciados pela lógica educacional operante no sistema que se sustenta pela desigualdade.

Desse modo, as ações afirmativas têm por objetivo também interferir sobre esta normatividade, de modo que as produções artísticas, teatrais e literárias a serem interpe-ladas na relação entre mestre e aprendiz se baseiem em autores e autoras/ou produções sobre afro-brasileiros, africanos, ameríndios e da comunidade lgbtqi+.

As ações afirmativas vem para coroar a afirmação de que se o mundo é composto por forças em relação, não há um sentido único a ser desvelado por uma razão privilegiada, mas tantos sentidos quantas forem as configurações de forças dos quais derivam: múltiplas perspectivas e interpretações que afirmam a diferença e que, por isso, necessita de uma ação artístico-pedagógica que se desloque da narrativa hegemônica.

18- A ELT e a cidade de Santo André

A relação da escola com a cidade de Santo André é pauta constante em nossas discussões e fóruns. O pensamento do nosso trabalho como gestores desse espaço público, como criadores de obras artísticas e como formadores de artistas em teatro, deve se responsabilizar a trazer a dimensão pública desse projeto, buscando o diálogo com a sociedade civil e as/os trabalhadoras/es da cultura, sob o prejuízo de tornar a escola um projeto isolado, sem conexão com a vida teatral da cidade, portanto deslegitimado e frágil.

Durante esses 30 anos de existência da ELT é possível constatar que grande parte dos/as artistas de grupos de teatro independente, dos gestores culturais da cidade que hoje estão na secretaria e de educadores em arte, passaram pela escola. Essa constatação só aumenta a nossa responsabilidade diante de uma formação pública que pensa sua função e existência em rede, projetando futuro. Nos responsabiliza a criar dentro da escola um pensamento sobre política pública que prepare esses futuros artistas para intervir e se relacionar no cenário cultural da cidade. Apenas dessa maneira esse projeto público de formação pode legitimar sua existência de 30 anos.

Alicerçar um programa político pedagógico público dentro desses parâmetros, demanda firmar alguns pilares de ações que durante a existência da escola mostraram-se ora mais frágeis, ora mais potentes – mas que do ponto de vista desse documento não devem se perder nunca de vista: agregar os futuros artistas da cidade, manter diálogo com os artistas atuantes da cidade, criar espaço de debate e apresentação das obras dos artistas atuantes da cidade, ter na equipe docente artistas andreenses, participar ativamente dos conselhos de cultura de Santo André, manter diálogo com outros programas de formação da secretaria, criar projetos de formação de público e dialogar com a comunidade do entorno.

A partir desse ponto de vista reproduzimos aqui um trecho de um registro sobre essas questões elaborado pelas/os aprendizes:

- O grande mote da ELT é o teatro. Sabendo disso, como fazer chegar essa arte às pessoas que são da cidade e/ou estão ao redor?
- Os moradores de Santo André conhecem o espaço onde a ELT se encontra por se tratar do que chamam de “Antigo Teatro Conchita de Moraes”. Essa é uma referência boa, por fazer alusão a história da cidade, porém é necessário entender que as coisas mudaram bastante. Por isso, achamos importante discutir a seguinte questão: Como fazer com que a ELT se torne o ponto de referência daqui pra frente? A ideia não é fazer com que o teatro Conchita seja esquecido, mas sim associá-lo ao nome da Escola, para que ela seja também, reconhecida e lembrada, como patrimônio importante da cidade.
- Como tocar a curiosidade das pessoas a ponto de fazer com que elas se interessem e frequentem as dependências da Escola?
- Como dialogar com outros grupos artísticos de Santo André, à fim de criarmos uma frente, que mesmo com suas especificidades, esteja unida para lutar.

Sobre os espetáculos:

- Não podemos fazer teatro só para estudantes e profissionais de teatro. Temos que chegar em todos.
- Dentro das obras encenadas, será que existe algo que afasta essas pessoas?
- Qual incômodo queremos gerar nas pessoas? Aquele que agride e afasta ou aquele que gera reflexão e transformação?
- Quão poroso podemos ficar sem perder a identidade e o cunho político que transforma?

Sobre característica específica levantada:

- A ELT é uma Escola que não tem uma cara só. É um local de muitos artistas, que caminham por várias linguagens. Isso faz nascer uma autonomia que cria diversas versões sobre o que é a ELT. Como podemos nos apropriar de um discurso único, que resuma o que é a Escola, sem perder essas autonomias e identidades importantes?

Ideias para estreitar essa relação com a comunidade:

- Resgatar os momentos históricos que a Escola fez parte dentro da cidade.
- Entender como o discurso chega melhor. É via redes

sociais? É via boca à boca?

- Um canal no Youtube.
- Conversar e frequentar outros espaços culturais da cidade. Estreitar relações e trocas entre artistas. Promover aulas de integração, conversas periódicas para pensarmos juntos sobre a cultura da cidade.
- Continuar promovendo fóruns internos e externos.
- Fazer aulas na praça.
- Tentar uma parceria e diálogo com a Escola Estadual que está ao lado da ELT.
- Abrir a mostra de processo do meio do ano para todos, e não só para alunos.

“Ao pensar no teatro como veículo do crescimento humano não quero dizer com isso (que se deva) transformá-lo em uma Tribuna ou em um púlpito, mas sim reconhecer no teatro suas próprias leis, sua realidade. Foi essa imagem, obsessiva, que norteou a implantação da Escola Livre de Teatro de Santo André. A de criar um espaço onde o nosso papel (o dos artistas orientadores) seria o de estimular o surgimento de “prospectores do teatro”. Ou seja, de artistas interessados em afirmar as potencialidades desta linguagem. Caberia a nós não ensiná-los, mas provocá-los.”

O alfabeto pegou fogo - ensino das Artes em Santo André
Maria Thaís

